

## Zoonoses nos anos iniciais do Ensino Fundamental: práticas pedagógicas de professoras da regional Noroeste de Belo Horizonte

Letícia Mendonça Lopes Ribeiro <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetivou identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras para a abordagem das zoonoses aos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, a pesquisa considerou, como referencial teórico, o conhecimento sobre as zoonoses (KRAUSS et al., 2003), aspectos relacionados à abordagem da Educação em Saúde (SCHALL; STRUCHINER, 1999; VENTURI; MOHR, 2021) e às práticas pedagógicas na Educação Básica (FRANCO, 2016). Logo, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual contou com a análise do discurso de 40 professoras atuantes nos três primeiros anos do Ensino Fundamental em uma das seis instituições (quatro públicas e quatro privadas) participantes da pesquisa. Os resultados sugeriram que grande parte das docentes mantém práticas pedagógicas diversas para a abordagem do assunto aos estudantes, entre as quais destacam-se os trabalhos que fazem uso de folhetos municipais e informativos sobre as zoonoses (em especial a dengue), indicações dos livros didáticos (eleitas principalmente pelas docentes das escolas privadas) e as participações em projetos públicos com amplo envolvimento da comunidade escolar (eleitas somente pelas docentes das escolas públicas). Sugere-se que, na era pós-pandemia, o poder público proponha estratégias de Educação em Saúde condizentes ao panorama sanitário. Para tanto, é preciso que as ações, direcionadas à abordagem das zoonoses na Educação Básica, considerem o atual momento da escola e respeitem o cenário social dos estudantes e de suas famílias e, especialmente, respeitem os docentes, suas condições laborais e as suas práticas pedagógicas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Zoonoses, Educação em Saúde, Prática Pedagógica.

### INTRODUÇÃO

Segundo Krauss et al., (2003), zoonoses são doenças de animais transmissíveis ao homem, bem como aquelas transmitidas do homem para os animais. Os agentes que desencadeiam essas afecções podem ser microorganismos diversos, como bactérias, fungos, vírus e helmintos, sendo que a participação de vetores e de interação com o ambiente também podem ocorrer (LANGONI, 2004).

Atualmente, as zoonoses ganharam destaque através da pandemia mais importante do século XXI, uma vez que o vírus Sars-CoV-2, causador da doença Covid-19, é uma zoonose produzida por um coronavírus. De acordo com Schneider e Oliveira

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência Animal pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre. [leticiamendonca@drh.ufmg.br](mailto:leticiamendonca@drh.ufmg.br).

(2020), apesar da origem deste novo coronavírus ainda prosseguir em estudo, provavelmente sua disseminação envolveu morcegos, por serem estes reservatórios frequentes de coronavírus – além deste vírus já ter sido encontrado nessa espécie no ano de 2017. De acordo com estas autoras:

Houve trabalhos sugerindo que poderia ser o pangolim, um mamífero em vias de extinção muito procurado para a produção de produtos de beleza, para uso na medicina naturalista e como iguaria. Foi encontrado no pangolim um sequenciamento genético semelhante ao Sars-CoV-2, mas não tão próximo como o do morcego (Dias de Sá, Soendergaard & Jank, 2020). Como o vírus “pulária” de populações de animais silvestres para pessoas é uma questão bastante complexa e importante a ser respondida (SCHNEIDER; OLIVEIRA, 2020, p. 89).

Porém, independente da forma como o vírus Sars-CoV-2 chegou a ser disseminado entre os primeiros humanos, no ano de 2019, reconhece-se incontestavelmente que o enfoque para prevenção e tratamento das zoonoses ganhou não apenas espaço, como também incontroversa necessidade. Essa é a principal justificativa para a apresentação do trabalho que ora se expõe: a necessidade de oferecer centralidade às discussões que conseguem conjugar as zoonoses, a Educação em Saúde e, em especial, a escola de Educação Básica. Neste sentido, objetivou-se identificar as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras para a abordagem das zoonoses aos estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental (EF).

Para a melhor compreensão deste objetivo, é interessante fundamentar o entendimento sobre dois conceitos chaves: a Educação em Saúde e as Práticas Pedagógicas.

Considera-se a Educação em Saúde como um campo de estudos e práticas interdisciplinares, em que se destacam as áreas da Saúde e da Educação no contexto educacional (VENTURI, 2018; VENTURI; MOHR, 2021). Assim, de acordo com Schall e Struchiner (1999), as ações que conjugam os campos da educação e da saúde se mostram como ações multifacetadas, para o qual convergem diversas concepções, as quais espelham diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre o homem e a sociedade. Isso demonstra que a atividade da ES não tem o propósito de “decidir o que é mais importante, mas pretende facilitar as condições para as pessoas encontrarem a melhor forma de cuidar de sua saúde, tendo atitudes conscientes, decidindo por seu projeto de vida” (RIBEIRO, 2010, p. 15).

Quanto à compreensão da categoria “prática pedagógica”, esta pode ser interpretada da seguinte forma:

Quando se fala em prática pedagógica, refere-se a algo além da prática didática, envolvendo: as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho docente, as parcerias e expectativas do docente. Ou seja, na prática docente estão presentes não só as técnicas didáticas utilizadas, mas, também, as perspectivas e expectativas profissionais, além dos processos de formação e dos impactos sociais e culturais do espaço ensinante, entre outros aspectos que conferem uma enorme complexidade a este momento da docência (FRANCO, 2016, p. 542).

É nesse contexto, em que a prática pedagógica revela um turbilhão perspectivas e expectativas profissionais, que se estabelece no cotidiano do trabalho docente – considerando que o trabalho docente depende, entre tantos outros aspectos, dos saberes destes docentes. Tais saberes são, então, fruto de uma grande pluralidade de conhecimento dos profissionais da educação, sugerindo que o saber docente é um saber composto de vários saberes oriundos de fontes diferentes e produzidos em contextos institucionais e profissionais variados (TARDIF; LESSARD; GAUTHIER, 2001; TARDIF, 2002).

Portanto, ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Assim sendo, os saberes experienciais do professor, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de pré-concepções do ensino e da aprendizagem herdadas de sua história (TARDIF, 2002).

Ao se acreditar na importância da Educação em Saúde (tendo como foco os conhecimentos sobre zoonoses) dentro das escolas de Educação Básica – mais especificamente, dentro das práticas pedagógicas dos docentes – reconhece-se que o estudo, aqui apresentado, concentra-se na seguinte problemática: as professoras (sujeitos da pesquisa) trabalham algum assunto relacionado ao tema zoonoses com seus estudantes e, caso trabalhem, quais foram as práticas pedagógicas utilizadas com esse intuito?

Diante desse breve panorama, apresenta-se o restante do texto, após a presente Introdução. A seguir, exibe-se a “Metodologia”, com as principais indicações sobre os caminhos escolhidos para a coleta, análise e apresentação dos dados produzidos no estudo. Posteriormente, são oferecidos os “Resultados e Discussão”, o qual corrobora a análise dos dados ora apresentados. Por fim, têm-se as “Considerações Finais”, as quais permitem uma síntese do trabalho desenvolvido, bem como discutem os achados aqui exibidos, tendo como base as questões centrais que orientaram as práticas pedagógicas e caracterizaram os saberes docentes mobilizados pelos sujeitos de pesquisa para a abordagem das zoonoses aos seus estudantes.

## **METODOLOGIA**

Com base nos pressupostos teóricos, orientados para este estudo, admite-se que se trata uma pesquisa qualitativa, já que comporta um universo de significados, motivos, valores e atitudes que possuem um vínculo com o assunto ora tratado – vivenciados pelas professoras entrevistadas – os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO; DESLANDES, 2002). Entretanto, é importante destacar que, mesmo em uma abordagem essencialmente qualitativa, optou-se também por demonstrações quantitativas (principalmente o uso de tabelas) com intuito de enfatizar determinados resultados e a melhor interpretação dos dados coletados.

Nesse sentido, estabeleceu-se como principal instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, que combinou perguntas abertas e fechadas nas quais as entrevistadas tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto (MINAYO, 2013).

Como sujeitos de pesquisa, contou-se com a colaboração de 40 professoras, que lecionavam à época (2010) em classes do primeiro, segundo ou terceiro ano do EF, em quatro instituições privadas (16 participantes) e quatro instituições públicas (24 participantes – das escolas municipais e duas estaduais) situadas na região Noroeste de Belo Horizonte/MG. Optou-se por esta área pensando-se no desenvolvimento socioeconômico semelhante que seus residentes aparentam possuir e pelo grande número de escolas, de caráter privado e público que funcionam na região.

Esclarece-se que a opção por entrevistar profissionais que atuavam nos três primeiros anos do EF se alicerçou na crença de que, de acordo com os estudos de Jean

Piaget (1993), é dos sete aos 11 anos de idade – etapa de escolarização para a qual as docentes entrevistadas lecionavam – que a capacidade da criança de interiorizar as ações se acentua, sendo que ela começa a realizar operações mentalmente, passando a relacionar diferentes aspectos e abstraindo dados da realidade. Dessa forma, as ações docentes podem instigar atitudes mais precisas dos discentes. Além disso, por serem os anos iniciais de escolarização obrigatória, a evasão de estudantes nos três primeiros anos do EF é menor que nas etapas posteriores, o que poderia pressupor um alcance maior de indivíduos em formação quando trabalhos posteriores forem sugeridos e executados no campo de estudo no qual esta pesquisa se insere.

Para facilitar a descrição das informações, as professoras participantes da pesquisa foram nomeadas considerando o caráter da instituição em que trabalhavam – privado (EPri) ou público EPub – e a sequência em que foram entrevistadas – por meio da indicação de letras. Exemplos: a Professora EPri1A trabalhou na primeira escola privada visitada pela entrevistadora e foi a primeira professora entrevistada nesta instituição, enquanto a Professora EPub2D trabalhou na segunda escola pública visitada e foi a quarta professora entrevistada nesta instituição. Estas caracterizações procuraram manter o anonimato das entrevistadas – como bem estabeleceu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes que, mediante ciência e autorização por eles expressa, antecedeu da entrevista cedida por cada uma delas, individualmente.

Quanto aos dados coletados, destaca-se que todas as entrevistas foram gravadas e as informações dadas pelas entrevistadas foram registradas. Os momentos de entrevista – e tudo que fora produzido a partir deles – contou com o apoio fundamental da técnica de análise do discurso. Esta cria um ponto de vista próprio de olhar a linguagem como espaço social de debate e conflito, sendo que, o movimento que acontece no interior do discurso do entrevistado é, ao mesmo tempo, o processo, o produto e o centro da significação a ser compreendido na análise. Dessa forma, tal técnica responsabiliza o pesquisador em refazer o discurso, buscando dependências funcionais da linguagem evidenciadas nas falas (MINAYO, 2013).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dentre as demais questões que fazem parte da pesquisa ampliada, o presente estudo se dedicou a analisar a seguinte interrogativa, feita às entrevistadas: você trabalha algum assunto relacionado ao tema zoonoses com seus estudantes? Se sim, quais foram as práticas pedagógicas utilizadas com esse intuito?

A tabela 1 mostra a síntese do padrão de resposta dos sujeitos de pesquisa à realização (ou não) de atividades relacionadas às zoonoses.

Tabela 1 – Distribuição das respostas, dadas pelas entrevistadas, referentes à realização de trabalhos com o tema zoonoses.

Realizou trabalho docente com o tema zoonoses	Professoras das escolas		TOTAL
	Privadas (EPri)	Públicas (EPub)	
Afirmaram que sim	12/16	11/24	23/40
Afirmaram que não	3/16	4/24	7/40
Exemplificaram aspectos superficialmente relacionados às zoonoses ou se desviaram do tema	1/16	9/24	10/40
<b>TOTAL</b>	16/16	24/24	40/40

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2010.

Como visto nesta tabela, várias entrevistadas disseram ter trabalhado algum aspecto do tema zoonoses, especialmente aos assuntos relacionados à dengue, como é possível perceber nos relatos a seguir:

*Com dengue eu trabalho. Mas é só. De outras coisas que zoonoses mexe eu num falo não. Dengue eu converso com eles sobre o que é, tudo direitinho. Entrego os papéis da prefeitura... (Professora EPub2D)*

*De dengue eu trabalhei bem. Falando bastante, que tem esse órgão (serviço público de controle de zoonoses) que conscientiza, que tem que tomar cuidado. A gente já sabe, mas tem que ter alguém lembrando! As pessoas já sabem, mas precisa de ter alguém no pé pra tá lembrando, porque senão esquece! É mais assim que eu faço. (Professora EPub2F)*

Algumas entrevistadas alegaram ter iniciado o trabalho com o tema devido às situações cotidianas e aos ensinamentos trazidos pelos próprios alunos. Isso sugere que tais docentes estão mais atentas às demandas trazidas pelas vivências cotidianas dos alunos, desejando inseri-las nas abordagens escolares, uma vez que as percepções dos próprios alunos podem os levar ao conhecimento necessário sobre a saúde (HOLLANDA, 1981, *apud* SCHALL, 1994). Em uma interpretação complementar, é possível também entender a preocupação destas docentes, com as vivências de seus

alunos, como um saber proveniente de suas próprias experiências como docentes, consolidado no cotidiano da sala de aula e da escola (TARDIF, 2002).

*Trabalho principalmente a questão da dengue, principalmente porque é uma questão que os alunos estão trazendo. Hoje mesmo, por coincidência, eu estou com esse folheto aqui ó, (mostrou folheto da prefeitura) porque uma aluna contou que viu uma menina que teve dengue. Eu gosto de dar pra eles é o folheto do posto que tem perto da minha casa. (...) Trabalho também a questão ecológica com eles. O porquê que não pode deixar lixo acumulado por causa de rato. Então trabalho mais pra voltar pra consciência ecológica deles. (Professora EPri1A)*

*Ah, sim! De certa forma sim (trabalhou o tema ‘zoonoses’ com seus alunos). Eu já peguei mais pra alertar. Para a campanha da dengue... A leishmaniose para quem tem animais em casa. Eu digo um pouco do que eu sei, mas isso não faz parte do conteúdo mesmo da escola... Eu trabalho porque eu vejo que eles querem mesmo saber disso. Volta e meia vem um contando um caso de um cachorro doente. Aí eu abordo esse assunto, só que é pouca coisa que eu falo porque eu também não sei muito, né? Menos dengue, que é bem abordado assim... Se você quiser que eu te conte de dengue... É bastante coisa que foi feita nesse ano. (Professora EPri 2A)*

*É... Eu trabalho sim. Trabalho com doenças transmitidas por xixi de ratos, por inseto, pelo mosquito palha. Aquele que pica o cachorro e pica humano, você sabe? (...) Eu faço conversas informais, tipo aulas expositivas. Mas eu te digo que isso acontece mais quando um aluno vem contando algum caso, aí a gente aproveita também e fala. (Professora EPri2C)*

*Assim... Tipo que eu trabalho muito da água, as doenças que podem vir da água, sabe? Não sei se dengue encaixa, mas a gente fala demais de dengue! Principalmente quando acontece algum caso e eles ficam sabendo, porque aí a gente conversa mais. É assim, a gente toca no assunto sempre! (Professora Epub2E)*

Outras entrevistadas – a maior parte professoras das escolas privadas – afirmaram realizar algum trabalho por indicação do livro didático ou material específico adotado pelas escolas onde trabalham. Isso pode sugerir que, “no sistema privado, o livro didático é um material mais valorizado para trabalhar questões de saúde que no sistema público” (RIBEIRO, 2010, p. 49), quando tal valorização se refere às questões de Educação em Saúde – principalmente nos livros de ciências.

*Tem um capítulo no livro de ciências da terceira barra nove que trabalha a água. Aí os alunos fazem pesquisa, levam pra casa, apresentam pros outros amigos. Aí cada grupo fica com um tipo de doença e apresenta pros outros. É ótimo! Fala de poluição, de consumo de água... Fala também da importância de lavar as mãos, de cuidar do meio ambiente, coisas desse tipo. (...) Por exemplo, a enchente: entupiram os bueiros. Aí a gente entra na questão da doença transmitida pelos ratos: como é que pega o xixi do rato, como que ele pega nos alimentos. Fala de baratas, que você deve tampar*

*seus alimentos que deve armazenar da maneira adequada. (Professora Epr14C)*

*O conteúdo desse ano no livro de ciências fala das doenças provocadas pela água. Tem dengue e têm outras lá. Diz quais são as doenças, quais são os sintomas. Aí eu pedi e os meninos fizeram um trabalho em grupo e cada grupo estudou um tipo de doença. Daí cada grupo apresentou para os outros. (Professora EPri4F)*

Um aspecto importante a ser observado é que algumas professoras das escolas públicas apontaram a execução de grandes trabalhos com o tema zoonoses – especialmente aqueles que envolviam a dengue. Esses trabalhos contavam com o envolvimento de grande parte dos atores escolares das instituições onde as entrevistadas (que fizeram tal citação) lecionavam, o que permite vislumbrar a possibilidade de uma mesma ideia sobre o tema sendo trabalhada por um grupo integrado (PERRENOUD, 2001). Indica-se também que as instituições de ensino público, participantes do estudo, apresentaram-se mais empenhadas em abordar o tema dengue do que as instituições privadas. Justifica-se, possivelmente, que o sistema público esteja mais integrado entre si, ou seja, pressupõe-se que as escolas públicas façam mais solicitações e tenham mais contato com o serviço público de controle de zoonoses, incluindo a participação deste em suas atividades.

*Um assunto muito falado é a dengue. Aqui na escola o que se trabalha mais é dengue mesmo. (...). A gente faz assim: sempre tem aqueles encartes pra gente trabalhar. Aí eu peguei uns vídeos também. E os próprios alunos fazem uma pesquisa com os vizinhos. A escola faz passeata. Aí, quando a diretora chama mais gente, a gente vai fazer passeata na rua. (Professora EPub2G)*

*Sim, já trabalhei. E de muitas formas! Construimos o mosquito da dengue. Fizemos quadrinhos, textos... Tinha até um que falava de um mosquito procurado pela polícia! (...) Eu fiz isso só na minha sala, mas a escola fez um projeto em que todas as professoras trabalhavam cada uma com os seus alunos e depois mostrava pra todo mundo daqui o quê que tinha feito. Foi bem bacana. (Professora EPub3G)*

*Eu trabalhei dengue, né? É... bom, quando a gente chega... só que depende do contexto... Época da chuva e do verão a gente tá sempre falando. Mas o pessoal aqui da escola faz uma coisa bem grande e chama gente de fora e tudo pra fazer passeata com os meninos maiores quando tá na época de calor. Vem o pessoal lá da zoonoses... vem até o pessoal da polícia militar com música e tudo! (...) (Professora EPub4D)*

Uma pequena parcela das entrevistadas não indicou qualquer exemplo de zoonose já trabalhado, apontando a execução de propostas que não se relacionavam com



o tema ou tinham uma associação superficial com o assunto. Tais indicações pressupõem que, algumas entrevistadas, não sabiam exatamente o que era zoonoses.

*Já trabalhamos a poluição do Rio Arrudas, os problemas dessa poluição. O problema é... (...) a gente fez um trabalho interessante com poluição, lixo, reciclagem. Fizemos um debate, fizemos um jornal, tipo o Manuelzão que distribuí lá na Araújo, sabe? (...) Foi super legal! A gente foi a ASMARE. Mas num foi tão legal quanto o Arrudas. (...) É... trabalhei mais foi isso. (Professora EPri4A)*

*Trabalho (o tema zoonoses com os estudantes) porque teve uma mulher da UFMG que veio aqui no ano passado e falou sobre o Manuelzão. Ela deu até um livrinho pra gente e ela mostrou um painel. Então, o que ela falou de zoonoses foi de biodiversidade... Aí eu só revisei falando com os meus meninos do que ela já tinha falado antes. (Professora EPub2A)*

*É, eu trabalho assim: animais vertebrados e invertebrados. O habitat deles, a higiene, o cuidado, o que eles precisam pra viver, sabe? Isso tem alguma coisa que a zoonoses trabalha, num tem? Se tiver, então eu trabalho zoonoses com meus alunos sim! (Professora EPub3E)*

Algumas professoras, especialmente das escolas públicas, afirmaram não trabalhar qualquer assunto relacionado ao tema zoonoses com seus alunos. Por razões diversas, essas docentes se mostraram visivelmente desinteressadas em desenvolver o trabalho com o tema, como foi verificado em estudo similar realizado por Brassolatti e Andrade (2002), que identificaram a falta de motivação e/ou estímulo para o trabalho relacionado ao assunto entre os docentes dos anos iniciais do EF.

Os breves relatos, que demonstram a desmotivação de algumas entrevistadas podem ser exemplificados pelas falas da Professora EPub1D (*Até que eu não falo muito sobre zoonoses com eles. Acho meio complicado pra eles...*), da Professora EPub3A (*Não. A gente até faz se a prefeitura pedir, mas desde que eu entrei a prefeitura nunca pediu.*) e da Professora EPub3C (*Como não me atrai, até hoje eu não trabalhei nada com eles. Nem aqui e nem lá na outra escola. Lá menos ainda que eu trabalho! Nem...*).

Faz-se necessário observar que algumas docentes justificaram a abordagem superficial do tema devido à idade dos alunos ou a não realização de grandes trabalhos que, supostamente, desviassem-se do foco dedicado à alfabetização, demonstrando não reconhecer a transdisciplinaridade possivelmente estabelecida entre alfabetização e quaisquer outros temas de trabalho, inclusive as questões que envolvem a ES, uma vez que estão pouco envolvidos com o assunto (SCHALL, 1994).

*Eu trabalho, mas é de maneira superficial. Trabalho, mas não aprofundo, sabe como é? A gente ainda está muito focado na alfabetização. Quando tem*

*que trabalhar, eu pego o material indicado pela prefeitura pras escolas, que é bem resumido e fala tudo de importante. Fala de mosquito, tétano... Essas coisas assim. (Professora Epub4A)*

É importante observar que a análise, ora apresentada, sugere primariamente o pouco conhecimento que as docentes aparentam ter sobre as zoonoses, o que justifica a ausência ou a superficialidade dos trabalhos escolares que as profissionais promovem com o tema. Verifica-se também o desinteresse pessoal de muitas docentes sobre o tema zoonoses. Entretanto, nota-se que, entre as docentes que se mostraram desinteressadas, algumas justificaram a desinformação como uma das causas da pouca motivação em abordar o assunto – o que pode ser representativo no relato da Professora Epub3C: *Ai... ai... de zoonoses eu não sei quase nada! Acho que é porque eu escuto falar tão pouco... Aí eu nunca tive vontade de saber o que é mesmo, pra saber...*

De antemão, este e outros apontamentos semelhantes, pressupõem a necessidade de propostas, originárias do poder público, que possibilitem um envolvimento maior das educadoras com as zoonoses e demais questões relacionadas à saúde, incentivando-as a abordar esses assuntos com seus alunos. Para que esse incentivo seja eficaz, é recomendável despertar o interesse pessoal das docentes. A partir desse, acentuam-se as chances das professoras incluírem as zoonoses em suas práticas pedagógicas mais comuns.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise, porposta pelo presente estudo, admite-se que os resultados sugeriram que grande parte das docentes mantém práticas pedagógicas diversas para a abordagem do assunto aos estudantes, entre as quais destacam-se os trabalhos que fazem uso de folhetos municipais e informativos sobre as zoonoses (em especial a dengue), indicações dos livros didáticos (eleitas principalmente pelas docentes das escolas privadas) e as participações em projetos públicos com amplo envolvimento da comunidade escolar (eleitas somente pelas docentes das escolas públicas).

Mediante estes resultados, é absolutamente fundamental distinguir o cenário da pesquisa ampliada, da qual este estudo faz parte, do cenário atual. Ao final da primeira década dos anos 2000, já era possível reconhecer a Educação em Saúde, no âmbito da escola, como uma grande chance de ter o alicerce da educação – e das atividades

realizadas como parte do currículo escolar e que tenham uma intenção pedagógica definida – como suporte diagnóstico, tratamento e, especialmente, prevenção de afecções que acometem humanos e animais.

Porém, ao se iniciar a terceira década dos anos 2000, é urgente repensar as questões que envolvem a Educação em Saúde e a educação básica. Impulsinadas pela pandemia da Covid-19, certamente aparecerão várias ações que colocarão em destaque os estudantes do EF como potenciais multiplicadores da informação (e da prevenção) ao Coronavírus e aos outros possíveis vírus com potencial pandêmico – que precisaremos conviver nos próximos anos. Assim sendo, quem certamente será responsabilizado pela sensibilização dos estudantes? Sem quaisquer dúvidas: o docente.

Reconhece-se, então, a indiscutível necessidade de que o trabalho docente seja olhado de forma muito respeitosa. Os docentes, já tão exauridos em suas atividades cotidianas anteriores à pandemia, estão ainda mais sobrecarregados com o ensino (e, em especial, com a forçada aprendizagem) no trabalho remoto. Mesmo com o retorno às aulas presenciais, o ambiente doméstico recebeu um severo acréscimo de atividades laborais – as quais não devem sair completamente das residências de professores e professoras brasileiras.

Assim sendo, é essencial que as instituições privadas e, em especial, as instituições públicas (e as instâncias que as sustentam em todo o poder público) estejam cientes e dispostas a propor estratégias para a Educação em Saúde na escola com a plena consideração do trabalho docente destes mesmos professores exaustos e afetados negativamente por todas as sequelas deixadas pela pandemia.

## REFERÊNCIAS

BRASSOLATTI, R.C.; ANDRADE, C.F.S. Avaliação de uma intervenção educativa na prevenção da dengue. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol.7, n.2, p. 243-251, 2002.

FRANCO, M.A.R.S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line)**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped>. Acesso em: 13 out. 2021.

HOLLANDA, H. (Org.). **Saúde como Compreensão de Vida**. Rio de Janeiro: PREMEN/MEC/SEPS/FENAME, 1981

KRAUSS, H.; SLENCZKA, W.; SCHIEFER, H.G. **Zoonoses: Infectious Diseases Transmissible from Animals to Humans**. 3.ed. Washington DC: ASM Press, 2003. 456p.

LANGONI, H. Zoonoses and human beings. **J. Venom. Anim. Toxins incl. Trop. Dis.**, v.10, n. 2, p.111-112, 2004. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 09 set. 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 16-18.

PERRENOUD, P. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001, 208p.

PIAGET, J. **A Psicologia da Criança**. São Paulo: Bertrand, 1993. 120p.

RIBEIRO L.M.L. **Análise do conhecimento, sobre Leishmaniose Visceral e outras zoonoses, de docentes dos três primeiros anos do ensino fundamental em escolas da região noroeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8EJQCB>. Acesso em 08 dez. 2020.

SCHALL, V.T. Environmental and health education for school-age children: a transdisciplinary approach. **Cad. Saúde Pública**, v.10, n.2, p. 259-263,1994.

SCHALL, V.T.; STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, v.15, sup.2, 1999. Disponível em: [www.scielo.org](http://www.scielo.org). Acesso em: 14 out. 2009.

SCHNEIDER, C.O. OLIVEIRA, M.S. Saúde única e a Pandemia de Covid-19. In: BUSS, P. M.; FONSECA, L. E (Orgs). **Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho**. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz / Editora Fiocruz, 2020. p. 82-93. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hdyfg/pdf/buss-9786557080290-08.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; GAUTHIER, C. **Formação dos professores e contextos sociais**. Porto: Rés, 2001.

VENTURI, T. **Educação em Saúde sob uma Perspectiva Pedagógica e Formação de Professores: contribuições das Ilhotas Interdisciplinares de Racionalidade para o desenvolvimento profissional docente**. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198593>. Acesso em 08 dez. 2020.

VENTURI, T. MOHR, A. Panorama e Análise de Períodos e Abordagens da Educação em Saúde no Contexto Escolar Brasileiro. **Ensaio**. v.23, 1, n. e33376, p.01-25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/ztGB4JLXy4Tpm5yzjTfdSBy/?lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2021.